

O eucalipto prejudica o meio ambiente?

A simplicidade biológica própria da monocultura quando comparada à diversidade e riqueza de uma floresta nativa é flagrante. Isso sugere que a substituição de florestas nativas por plantações florestais a título de “reflorestamento” seja um contrasenso, em termos ambientais, sociais e até econômicos, em face dos diversos bens materiais e imateriais (paisagem, fármacos, fitoterápicos, potencial genético, contato com a natureza, lazer) fornecidos pelas matas naturais. Sob esse aspecto, a eucaliptocultura provoca prejuízos ambientais.

Em contrapartida, o plantio de eucalipto em áreas degradadas pelo uso agropecuário intenso (pastos degradados, áreas erodidas ou desertificadas), ou mesmo pela atividade minerária, representa um fator de recomposição de solo e melhoria da sua permeabilidade, criação de ambiente ameno para instalação de outras espécies, além de outros benefícios como a geração de emprego e renda.

O efeito estufa

O aumento da concentração do dióxido de carbono (CO²) na atmosfera terrestre é um dos fatores determinantes para a ocorrência do efeito estufa, fenômeno responsável pelo aquecimento global. A elevação da temperatura média do planeta coloca em risco o equilíbrio ambiental e a vida na Terra.

Atentos ao risco que o efeito estufa significa, representantes de países de todo o mundo nas conferências internacionais sobre o meio ambiente firmaram o protocolo de Kyoto, do qual o Brasil é signatário, que prevê limites e regras para a emissão de carbono a longo prazo.

Em termos globais, a existência de atividades dependentes de fornecimento contínuo de madeira, como a siderurgia a carvão vegetal, implicará no plantio de espécies florestais e, nesse caso, destaca-se o eucalipto. Esse cultivo contínuo ao longo

dos anos representará a formação de um estoque renovável, porém permanente, de carbono (seqüestro). Isso porque as árvores durante o seu crescimento vão fixando o gás carbônico da atmosfera⁸. Cada árvore de eucalipto pode seqüestrar até 20 kg de gás carbônico por ano. Um hectare de floresta jovem seqüestra, em média, 35 toneladas de CO² por ano.

O plantio de florestas de eucalipto, para atender a siderurgia a carvão vegetal, promove o “seqüestro” de carbono da atmosfera, fixando-o na estrutura da madeira e na biomassa em geral. Ao explorar a floresta, produzir o carvão e queimá-lo no alto-forno para a produção do ferro-gusa, o carbono vai sendo paulatinamente devolvido à atmosfera. No final do ciclo de produção, a siderurgia a carvão vegetal tem um balanço de carbono próximo de zero, pois o carbono emitido foi seqüestrado pelo próprio ciclo.

Entretanto, é possível questionar a viabilidade de se promover o plantio de eucalipto com um propósito ambiental, como o de conter o efeito estufa, quando se analisa a questão de uma forma mais ampla, a partir dos impactos causados pelas grandes monoculturas florestais no meio ambiente (solo, água, flora e fauna) e nas comunidades locais.

Sobre a geração de empregos

O plantio de eucalipto é responsável pela geração de empregos diretos e indiretos em empresas plantadoras, particularmente em regiões pobres, dando oportunidade a um contingente de pessoas que não tinham perspectivas de trabalho. O fomento florestal, por sua vez, tem sido apontado como uma tendência do novo modelo de produção, descentralizando a produção, que deixa de ser de domínio exclusivo das grandes empresas e passa a ser uma oportunidade de renda para a agricultura familiar.

Em que pese a modernização da atividade, com a adoção de novas tecnologias e a introdução de um novo modelo de gerenciamento da produção, mais atentos às questões socioambiental, a prática de algumas empresas e a desobediência à legislação trabalhista têm sido apontadas como preju-

⁸ Com a fotossíntese, as árvores absorvem gás carbônico (CO₂) e liberam oxigênio (O₂).

diciais às comunidades locais e, particularmente, aos trabalhadores.

Os trabalhadores

Os trabalhadores envolvidos na produção da madeira atuam em atividades tais como limpeza e preparo do terreno para o plantio, preparo das mudas nos viveiros, plantio, combate a formigas, capina braçal, corte com motosserra, arraste, empilhamento e transporte de madeira, carregamento de caminhões, replantio, manutenção das áreas de plantio. São destacados três grupos distintos de trabalhadores: trabalhadores da produção da madeira, trabalhadores da produção de carvão vegetal (carvoeiros) e mulheres trabalhadoras⁹.

Os empregos gerados são considerados, em grande parte, de baixa qualidade e, na maioria das vezes, de caráter temporário, com baixos salários, más condições de alojamento e má alimentação, destacando-se pelo descumprimento da legislação trabalhista. Merece destaque a situação dos carvoeiros, que trabalham nas baterias de fornos, áreas abertas no meio das florestas de eucalipto para fabricar o carvão vegetal. As condições de trabalho, a qualidade de vida e as perspectivas de futuro são bastante diferentes entre os carvoeiros das grandes empresas reflorestadoras e que fabricam carvão vegetal (CAF, Acesita, C.M. Barbará) e aqueles que trabalham para as empresas empreiteiras. Embora a realidade de ambos os grupos seja sofrível, o segundo grupo de trabalhadores apresenta um quadro extremamente grave.

O “carvoeiro volante”, aquele que trabalha para a empreiteira, muda periodicamente o seu local de trabalho, normalmente para outro município, onde o corte do eucalipto será realizado. A rotatividade do corte da madeira faz o carvoeiro “rodar”, ou seja, mudar de local de trabalho. Esses movimentos da mão-de-obra por vezes são conduzidos pelos “gatos” (alugadores de mão-de-obra, geralmente caminhoneiros que servem de intermediários entre empreiteiras e trabalhadores braçais). Os “carvoeiros”, que geralmente vivem e trabalham em condições desumanas, normalmente, utilizam a ajuda de suas mulheres e crianças na busca de se produzir mais carvão na base da empreitada familiar. Tal apoio é visto por eles como fundamental, principalmente

⁹ GUERRA, Cláudio B. Meio Ambiente e Trabalho no Mundo do Eucalipto. Associação Agência Terra. p. 73. 1995.

no desenvolvimento das atividades consideradas como “mais leves”, ao final da qual, entretanto, depois de uma jornada de 10 a 12 horas de trabalho, todos se encontram completamente cobertos pelo pó de carvão¹⁰.

2) As comunidades locais

Conforme apontamos, as plantações florestais em escala industrial proporcionam empregos para as comunidades locais e benefícios econômicos para os estados e municípios. Entretanto, o modelo implantado na década de 1960, a partir da destruição de grandes áreas de floresta nativa, gerou uma dependência das comunidades locais em relação às grandes empresas produtoras de eucalipto. Os moradores locais, em função da destruição da floresta nativa, foram privados de uma série de atividades e fontes de renda como alimentos, forragem, remédios, fibras vegetais, frutos, fungos, produtos obtidos das flores. Em muitos casos, as plantações trouxeram como resultado a expulsão da população local, que se dirigiu, principalmente, para as grandes cidades.

O eucalipto reduz o desmatamento de florestas nativas?

O desmatamento de áreas cobertas com florestas nativas em Minas Gerais ocorre hoje, basicamente, em função da ampliação das áreas agrícolas e com o objetivo direto de produção de carvão e lenha. Quanto à expansão da fronteira agrícola, atualmente, na sua quase totalidade, em áreas de domínio do cerrado, a Lei de Política Florestal do Estado (Lei nº 14.309, de 2002) garante autorização para utilização da madeira extraída pelo agricultor e autoriza as empresas consumidoras de matéria-prima florestal a utilizar até 10% de carvão ou lenha de florestas nativas. Essa medida garante o aproveitamento econômico da madeira retirada. Logo, sobre essa fonte de madeira o plantio de eucalipto não influencia, pois o desmatamento não está motivado pelo interesse em obter madeira, mas, sim, em expandir

10 Pesquisa da Associação Agência Terra, na Bacia do Rio Piracicaba, no Estado de Minas Gerais, coordenada pelo engenheiro Cláudio Guerra, que deu origem à publicação “Meio ambiente e trabalho no mundo do eucalipto”. 1995. p. 73

área de cultivo. Já o desmatamento com objetivo de produção de carvão e lenha, este sim, está diretamente sob influência do plantio de eucalipto. O mercado de carvão vegetal tem seus preços determinados pela demanda de gusa no mercado internacional. Anos extraordinários como o de 2003 e este ano provocam alta pressão no consumo de carvão vegetal pelas siderúrgicas. De acordo com o balanço energético do Estado de Minas Gerais, cerca de 50% do carvão consumido foram importados de outros estados (Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, por exemplo), o que demonstra incapacidade de Minas produzir para o seu consumo. Sob essa demanda, fica evidente que todos os remanescentes de mata nativa do Estado estão sob ameaça, pois lucrará mais quem transportar a menor distância. Logo, produzir carvão no Estado é uma vantagem competitiva.

Se os plantios de eucalipto estivessem sendo feitos no Estado de acordo com as expectativas de consumo futuro, certamente seriam poupadas matas nativas de Minas e dos estados vizinhos. Como já citado anteriormente, em 2003 o plantio de eucalipto atingiu 50% da demanda real, ou seja, no futuro Minas continuará dependente de carvão importado.

Vale portanto dizer que um metro cúbico de madeira de eucalipto evita o corte, legal ou não, do mesmo volume de lenha nativa. No passado, época dos incentivos fiscais, era normal a aquisição de áreas de florestas ou cerrado para o desmatamento e subsequente plantio de eucalipto, o que caracteriza o eucalipto como vetor de expansão da fronteira agrícola. Hoje, essa situação mudou. O replantio de áreas já ocupadas anteriormente por eucalipto e os programas de fomento à atividade florestal para produtores rurais criam as condições para que não sejam ocupadas novas áreas extensas e contínuas com eucalipto.

No caso da madeira para celulose, a mata nativa não fornece o insumo adequado, que só pode ser produzido pelo plantio de espécies ou clones de eucalipto selecionados para essa aplicação da mesma forma que no carvão vegetal. A tendência atual indica a adoção do fomento florestal (atividade florestal para a agricultura familiar) como a melhor alternativa social, ambiental e econômica.

Entidades ligadas à questão social e ambiental questionam a sustentabilidade do aumento global do consumo de papel. Basta citar que um cidadão norte-americano consome

11 vezes mais papel que um cidadão brasileiro. Nesse cenário, o desenvolvimento econômico da Ásia e da África é uma séria ameaça de explosão da demanda e, por consequência, da necessidade de áreas para plantio de eucalipto. Essas entidades argumentam que, nas condições apresentadas hoje, o consumo de papel é ambientalmente insustentável e, em grande parte, socialmente desnecessário. Portanto, nem os planos de uso das florestas, nem os planos de expansão das plantações florestais, podem pretender se auto-justificar, alegando que a humanidade precisa de mais papel. É importante ressaltar que o controle dessas pressões passará pelas políticas públicas adotadas pelos países consumidores e produtores, como o Brasil.

O argumento econômico

Em 2003, o setor de base florestal participou com R\$ 354,7 milhões em recolhimento de ICMS, além de recolher outros R\$ 17,02 milhões em taxa florestal, tributo estadual. Quase 80% desses valores provêm da siderurgia a carvão vegetal. Consolidado, o setor de base florestal ainda possui um grande potencial de expansão, representada por um forte alargamento da demanda de madeira. Considerados os investimentos recentes em plantio de espécies florestais, muito aquém da demanda, Minas Gerais caminha para um momento crítico de suprimento de matéria-prima florestal.

Entretanto, é preciso destacar que o modelo econômico que introduziu definitivamente o eucalipto no cenário econômico mineiro provocou distorções históricas que, ainda hoje, causam sérias limitações ao desenvolvimento, além de ter gerado um passivo social e ambiental elevado.

Práticas associadas à implantação da eucaliptocultura em Minas Gerais:

- utilização de métodos de coação econômica ou psicológica pelas empresas, no processo de aquisição de propriedades ou posses de terras de agricultores familiares
- incentivos fiscais para o reflorestamento e florestamento

- baixo rigor na fiscalização dos projetos incentivados
- projetos de plantio não necessariamente integrados a uma indústria consumidora
- obrigatoriedade de as empresas consumidoras serem também produtoras de matéria-prima florestal
- omissão quanto à prática de substituição de áreas de floresta nativa por eucalipto
- baixo nível tecnológico
- omissão quanto à aplicação das leis trabalhistas
- desrespeito à legislação ambiental, quanto às áreas de preservação permanente e de reserva legal
- descuido com relação às comunidades locais
- métodos questionáveis de apropriação de terras públicas

O Estado chegou a ter 1,5 milhão de hectares plantados com florestas homogêneas. Hoje, Minas Gerais possui 1,08 milhão de hectares de eucalipto e 80 mil hectares de pinus, o que corresponde a 2% da área total do território. O setor é responsável pela geração de 731.390 empregos entre diretos e indiretos, conforme quadro abaixo.

EMPREGOS GERADOS PELO SETOR DE BASE FLORESTAL MINAS GERAIS/2003		
ATIVIDADE	DIRETOS	INDIRETOS
Plantações, carvão e lenha	100.580	394.300
Siderurgia a carvão vegetal	29.838	119.272
Celulose e papel	2.000	10.000
Indústria de madeira	15.080	60.320
Total de empregos	147.498	583.892

Fonte: ABRACAVE, Sindifer, Fiemg, Empresas

Perspectivas de um novo modelo

Com o mercado sinalizando elevação do preço da madeira e seus produtos, o proprietário rural e posseiros poderão se beneficiar dedicando parte das suas terras para produção de madeira. Considerada a totalidade do território mineiro, mais de 50% das terras se destinam à pecuária e significativa parcela se encontra hoje degradada ou subutilizada. Daí a disponibilização de pequenos lotes por propriedade ou posse para a produção de madeira, baseada em programas governamentais ou priva-

dos que ofereçam insumos (fomento florestal) e aplicação da mão-de-obra familiar, o que pode significar a retomada da atividade florestal pelos agricultores e uma significativa geração de emprego e renda no campo. Bem planejada, a silvicultura na propriedade rural não concorre com a produção de alimentos, consolida a posse da terra pelo agricultor, auxilia na recomposição de áreas de recarga hídrica e contribui para a capitalização do homem e da economia rural.

Essa oportunidade é potencializada pela elevada produtividade do eucalipto, auxiliada pela pesquisa e pelo desenvolvimento tecnológico já acumulados no Estado.

Adotado o rigor necessário pelo órgãos públicos responsáveis pela autorização e pelo monitoramento da atividade florestal, Minas Gerais poderá multiplicar sua produção de madeira e produtos florestais sem que se desmate mais um único hectare para esse fim. Suprido o mercado interno, a demanda por produtos florestais no exterior poderá ser o destino dos produtos mineiros, como já acontece com o gusa e a celulose.

Grandes obstáculos deverão ser vencidos para a realização dessas possibilidades com relação ao mercado mundial. Certamente, ocorrerão resistências e serão impostas barreiras aos produtos nacionais, pois diversos países europeus pequenos em área e outros como o Canadá possuem como principal força econômica as indústrias de base florestal. Comparada a capacidade de produção por hectare desses países temperados com a das terras brasileiras, é fácil concluir que o crescimento da economia florestal aqui ameaça os negócios do Hemisfério Norte. No Brasil o eucalipto pode ser explorado com 7 anos e apresenta produtividade de cerca de 4 estéreos (metro cúbico preenchido com madeira roliça). Nos países temperados, o ciclo de uma floresta de produção não é menor do que 20 anos, chegando, em alguns casos, a 50 anos por rotação.

Posição das entidades

A agropecuária no Brasil continua deixando um imenso rastro negativo na área ambiental, devido a ocupação de áreas impró-

prias, mau uso do solo, desmatamento, uso abusivo de agrotóxicos, degradação da água e outras seqüelas. A discussão das diversas atividades dessa área (plantações florestais, cafeicultura, soja, bataticultura, pecuária, suinocultura e outras) é fundamental para que mudemos esse modelo predatório e sem limites. O plantio de eucalipto é uma atividade econômica fundamental à sociedade e, como muitas outras, sujeita a licenciamento ambiental. Bem feita, pode tornar-se aliada na proteção da biodiversidade e da água. Malfeita, fator de degradação ambiental. Para a Associação Mineira de Defesa do Ambiente – Amda –, a discussão do assunto só traz benefícios. Quando as pessoas têm informações corretas, podem assumir posições conscientes e autônomas, livrando-se de manipulações políticas. O seminário será uma excelente oportunidade para se discutir o assunto sob aspectos técnicos/ambientais, avaliando erros cometidos, correção dos mesmos, conquistas tecnológicas e licenciamento.

Amda (Maria Dalce Ricas)

Todas as espécies vivas do planeta, inclusive a espécie humana, têm o direito legal e legítimo de lutar por sua sobrevivência. E a vida requer energia que por sua vez é suprida pelos recursos naturais. Quando um produtor rural cultiva algodão, amendoim, cana de açúcar ou frutas, ele usa o recurso natural do solo para prover seu sustento. O mesmo acontece quando um silvicultor cultiva árvores em bases sustentáveis. Devido à falta de financiamento adequado, o setor florestal mineiro já enfrenta certa escassez de madeira, que tende a se tornar dramática em futuro próximo. Já se tem notícia de empresas mineiras procurando madeira em vizinhos países do Mercosul. Ainda que em quantidades menores do que as necessárias, as plantações florestais em Minas destinam-se ao suprimento de um parque industrial já tradicional e plenamente estabelecido. Apenas para a manutenção desse parque industrial, há necessidade de aumento em pelo menos 50% da área plantada atual. Os benefícios sociais, econômicos e ambientais do setor florestal são bem conhecidos e o apoio dos governos e da sociedade organizada será imprescindível para seu continuado sucesso.

Associação Mineira de Silvicultura – AMS (José Batura de Assis)

O eucalipto ocupa um papel de destaque na economia de Minas Gerais e na matriz energética do Estado. A possibilidade de geração de energia térmica e elétrica através da biomassa florestal é um dos atuais pontos de investigação e interesse da Companhia Energética de Minas Gerais – Cemig – que, juntamente com universidades, está desenvolvendo estudos e pesquisas de cultivo e uso do eucalipto, segundo critérios técnicos e socioambientais definidos pelos órgãos competentes.

Cemig (Dulce Maria de Castro Rocha Corrêa de Barros)

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva – Cedefes – tem uma posição fortemente crítica em relação à monocultura do eucalipto e aos programas de expansão do seu plantio, sejam eles em terras públicas ou privadas. Tal posição deriva da constatação de que, ao longo dos anos em que o modelo da monocultura do eucalipto se implantou, as conseqüências se revelaram desastrosas. A expansão da monocultura do eucalipto nos Estados de Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro vem acontecendo às custas de sérios impactos nos ecossistemas, principalmente no cerrado e na Mata Atlântica, com a progressiva perda da biodiversidade, bem como nas comunidades tradicionais que neles vivem quilombolas, povos indígenas, agricultores familiares “geraiseiros”, entre outros. São milhares de famílias que foram expulsas das suas terras, contribuindo para a concentração fundiária e para a desestruturação das comunidades remanescentes. Em Minas Gerais, os projetos estatais de desenvolvimento econômico permitiram que grandes empresas monocultoras expandissem a eucaliptocultura, principalmente nas regiões Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha, em terras públicas de uso secular pelas comunidades locais. Atualmente a maioria dos contratos de concessão dessas terras estão vencidos, porém o Estado está tendo grande dificuldade para a recuperação dessas terras. O plantio do eucalipto também afeta diretamente a produção de alimentos no País, pois ocupa extensas áreas que poderiam ser usadas para a Reforma Agrária, como é o caso das terras devolutas em Minas Gerais. Além disso, os empregos gerados são em muito menor número do que os defensores do setor alardeiam, em contraposição à agricultura familiar. No entanto, o volume de investimentos para o plantio do eucalipto, exportação de celulose

e produção de carvão vegetal é muito maior do que aqueles destinados à agricultura familiar e à Reforma Agrária.

Cedefes (Marilda Quintino Magalhães)

“Pau que nasce certo e entorta a vida dos outros!” Talvez seja uma expressão “curta e grossa” de um trabalhador rural do Vale do Aço, mas que revela uma sabedoria prática e concreta que nasce da experiência direta, aquela que melhor sintetiza a opinião formada em anos de acompanhamento no campo da Comissão Pastoral da Terra, aqui, em Minas Gerais. Dos meados até o final dos anos 1970, época em que se iniciava o plantio extensivo do eucalipto pelas empresas siderúrgicas no interior de Minas (Norte, Jequitinhonha e Vale do Aço), a CPT, sob a profética orientação do cientista pe. Justino Obers, já alertava o povo sobre as conseqüências negativas que poderiam aparecer. Hoje, depois de 20 anos ou mais, surpreendemo-nos ao constatar que a realidade ficou muito pior do que o previsto. O impacto socioeconômico-ambiental, para o povo atingido pelo eucalipto, tornou-se uma verdadeira tragédia. Não resta dúvida: se a criação que vem de Deus se auto-sustenta pela biodiversidade e o ser humano faz parte dela, todo projeto de monocultura é ecologicamente insustentável, economicamente e socialmente inviável e eticamente inaceitável.

CPT-MG (Luciano Di Fant)

A Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais – Cetec – apóia a iniciativa da Assembléia Legislativa de Minas Gerais em promover o Ciclo de Debates sobre o Eucalipto, que vem atender uma veemente necessidade de informações e esclarecimentos para realçar os benefícios e afastar os mitos que cercam a eucaliptocultura. A utilização de espécies de rápido crescimento como fonte de matéria-prima diminui a pressão sobre as florestas nativas. Reflorestamentos com eucalipto, anteriormente destinados às indústrias de polpa e de carvão, começam agora a ser direcionados a outros usos, como a produção moveleira. No que diz respeito à aceitação de novas espécies pelos consumidores de produtos derivados de madeira, o designa e a certificação são ferramentas essenciais para a agregação de valor aos produtos da madeira de eucalipto, e contribuem para promover uma mudança de mentalidade por parte de produtores e consumidores.

Cetec (Jorge Saffar)

A Emater-MG considera o eucalipto uma cultura que, como qualquer outra, deve ser plantada de acordo com a legislação em vigor, buscando-se a sustentabilidade ambiental, econômica e social. A exemplo de tantas outras plantas exóticas, como o arroz, o café, a cana e o milho, o eucalipto vem contribuindo para o desenvolvimento de Minas e do País. Sua presença é disseminada por todo o Estado e seu plantio por pequenos produtores rurais, que são o foco da ação extensionista, representa fonte de renda importante, além de prover a madeira necessária para uso na propriedade, para a construção de cercas, currais, etc. Exerce, portanto, papel importante na proteção ambiental, uma vez que, havendo disponibilidade de madeira de floresta plantada, o produtor não será induzido a lançar mão de mata nativa para atender a suas necessidades operacionais.

Emater (Ivo Pera Eboli)

A Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado de Minas Gerais – Epamig – tem como missão apresentar soluções para o complexo agrícola, criando e adaptando alternativas tecnológicas e oferecendo serviços especializados, capacitação técnica e insumos qualificados compatíveis com as necessidades dos clientes, em benefício da qualidade de vida da sociedade.

Epamig (João Roberto Mello)

Eucaliptocultura – “Importante sim! Mas com responsabilidade social e ambiental.” É indiscutível que a atividade da eucaliptocultura no Estado de Minas Gerais tem uma importância extraordinária do ponto de vista da geração de emprego e de divisas para o estado e inúmeros municípios onde diversas empresas exercem suas atividades, mas é inegável também que hoje, após as profundas mudanças adotadas por essas empresas em seus processos produtivos, na busca de se adequarem às exigências do tal competitivo mundo globalizado, provou e vem provocando, sim, enormes transformações em diversos aspectos do cotidiano em que a eucaliptocultura está presente. Portanto, a Ftiemg e o Sindmadeira/SB, na condição de entidade de classe representativa dos interesses dos trabalhadores e da sociedade, entendem ser de grande importância este ciclo de debates, por meio do qual, com discussões e entendimento possamos ter um modelo que permita a manutenção

da atividade sustentável, não só do ponto de vista econômico, mas que tenha também a atenção voltada para as questões sociais e ambientais. O homem e o meio ambiente devem ser tratados com responsabilidade.

Ftiemg e Sindmadeira/SB (Antônio Francisco Djavam Marques)

No início da década de 1970, as primeiras manifestações contrárias ao atual modelo da eucaliptocultura foram estigmatizadas naquela época como atitude de comunista, inimigos da pátria e subversão contra o desenvolvimento. As últimas manifestações, que fazem parte do atual debate, também já estão sendo estigmatizadas como atitude de porta-vozes do atraso, desligados da retomada do desenvolvimento, postura de neobobos contra o mercado. Os motivos dessas reações nos parece ser uma forma de esconder os desdobramentos econômicos, os danos socioambientais, as conseqüências malévolas do modelo, como também uma defesa do que se está pleiteando para o futuro. Estão errados taticamente e estrategicamente os que utilizam tais expedientes. O atual modelo, presente em quase duas centenas de municípios mineiros, desmatou e ocupou cerca de 2 milhões de hectares onde havia mata atlântica e cerrado e hoje reivindica, por intermédio das organizações empresariais, que, para atender o mercado consumidor em ascensão, é necessário a expansão do plantio do eucalipto. Antes de discutirmos detalhes de um novo fazer da eucaliptocultura, temos que nos perguntar qual seria a participação dessa importante atividade do agronegócio, em relação ao desemprego, aos acidentes de trabalho, à poluição das terras pelos insumos químicos, à destruição da biodiversidade por milhares de hectares contínuos, à migração das populações rurais, ao destino dos lucros, à irresponsabilidade socioambiental das empresas e, por fim, à sua íntima relação com a lógica da migração dos recursos naturais internacionais sul-norte. Se optarmos por discutir a problemática da demanda e do fornecimento do eucalipto pela lógica do mercado pelo mercado, do superávit da balança comercial e da competição internacional, este debate da sociedade que não aconteceu nos anos 1970 se dará apenas para legitimar o que já está decidido.

Instituto Brasileiro de Educação, Integração e Desenvolvimento Social – Ibeids (Lourival Araújo Andrade)

O Instituto Estadual de Florestas – IEF –, preocupado com a exaustão da base florestal do Estado, está incentivando o plantio de eucalipto, principalmente ao redor dos pólos consumidores ligados ao consumo de carvão vegetal e de madeira para a produção de móveis. A demanda de produtos madeireiros está muito acima da capacidade de produção das florestas plantadas, pressionando ainda mais os remanescentes florestais nativos. A linha de ação da instituição é promover o fomento florestal nas propriedades rurais que estejam respeitando as áreas de preservação permanente e de reserva legal e em que o plantio esteja direcionado para as áreas de pastagens degradadas, de grande ocorrência em quase todas as regiões do Estado. O incentivo do IEF para o plantio de eucalipto vai do fornecimento de mudas até o adubo e o formicida, passando pela assistência técnica nas fases de plantio e manutenção do povoamento florestal. Para 2004 está previsto o plantio incentivado de cerca de 20 mil hectares, com recursos originados da Reposição Florestal.

IEF (Danilo Rocha)

O eucalipto hoje está profundamente integrado à paisagem mineira, gerando empregos e divisas em toda a sua extensa cadeia econômica. No entanto, o seu cultivo exige cada vez mais a atenção do poder público no sentido de não permitir que se repitam os erros do passado, quando algumas áreas foram cultivadas de forma irresponsável e criminoso, destruindo veredas e expulsando milhares de famílias de posseiros pobres. O Iter, como gestor das terras devolutas utilizadas pela eucaliptocultura, está procurando disciplinar a reutilização das mesmas, conciliando os interesses do setor empresarial siderúrgico, comunidades locais e trabalhadores rurais sem terra. A criação de reservas agroextrativistas de uso comunitário é imprescindível para a recuperação ambiental de determinadas áreas, diminuindo os impactos ambientais e sociais e devolvendo às comunidades tradicionais dos grotões de Minas a perspectiva de melhores condições de vida.

Iter (Luiz Antônio Chaves)

A grande contribuição dessa cultura ao País é amenizar a pressão sobre os ecossistemas naturais, substituindo a fonte de fornecimento de madeira para lenha e carvão. Além de repre-

sentar importante fonte de divisas para nossa economia com a produção de madeira, lenha e celulose, a substituição de áreas abertas pelo plantio de grandes lavouras de eucalipto contribui para o equilíbrio da temperatura e do CO² na atmosfera e a manutenção do balanço hidrológico.

O eucalipto ocupa posição de destaque na atividade agrícola brasileira atual. Em função da diversidade de espécies e adequações a diferentes locais, o eucalipto passou a ser considerado como padrão de produção de matéria-prima florestal de alto rendimento e rápido crescimento para diversos usos. Porém, ao lado da expansão da eucaliptocultura, começaram a surgir críticas ao gênero, destacando principalmente os prejuízos e perigos dela decorrentes.

Escola de Design da Uemg (Prof. José Luiz do Carmo)

Como representante das instituições acadêmicas e, especificamente, como professor nas áreas de Política, Legislação, Administração e Planejamento Florestal do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa (DEF/UFV), minha posição neste ciclo de debates sobre o eucalipto busca ser a de mais pura neutralidade no sentido de auxiliar, na medida do possível, quanto aos esclarecimentos científicos sobre as plantações com as espécies do gênero *Eucalyptus*, como também, identificar e divulgar, com os meus pares, as mais diversas oportunidades e necessidades de investigações científicas sobre essas plantações, que surgem sempre nestas rodadas de discussões promovidas pelas partes. Conhecedor das críticas que determinados segmentos representantes da sociedade organizada fazem com relação ao eucalipto e à eucaliptocultura e de suas conseqüências tanto positivas, quando críticas construtivas, e negativas, quando perniciosas, buscarei, apesar do meu perfil profissional voltado a tal espécie e por tudo o que sei sobre os benefícios sociais, econômicos e ambientais que ela proporciona, não me deixar influenciar favorável à mesma, para não atrapalhar o andamento dos trabalhos e para que eu possa captar todos aqueles pontos críticos que auxiliarão no processo de evolução do manejo das plantações florestais de eucalipto no Brasil e em Minas Gerais, pondo a ciência acima de quaisquer interesses escusos.

Universidade Federal de Viçosa (Prof. Sebastião Renato Valverde)